

A investigação em saúde nos trópicos: um desafio para o presente, um ganho para a humanidade

Health Research in the Tropics: a challenge for the present, an asset for the future

João Schwalbach

Comité Nacional de Bioética para a Saúde de Moçambique (Presidente)

Resumo

A propósito da Abertura Solene do Ano Letivo 2015/2016 no Instituto de Higiene e Medicina Tropical (IHMT) tecem-se algumas considerações gerais sobre formação, ensino-aprendizagem e investigação. Aborda-se muito superficialmente a história do IHMT. Fazem-se reflexões sobre a iniquidade Norte-Sul e sobre o desnivelado desenvolvimento socioeconómico das suas populações com enorme desvantagem para os dos Trópicos. Na busca de agendas globais das diversas sociedades civis, em ambos os lados, a comunidade científica é presumivelmente a estrutura que mais traduz o ideal destas sociedades. Todavia, a diferença de países mais ricos e mais pobres, persiste. Por isso importa desenvolver estudos e formações colaborativos identificados numa verdadeira cooperação. Salienta-se a heroicidade, a audácia e a estoicidade dos investigadores dos países dos Trópicos. Assim, deve-se manter e desenvolver uma constante abertura com o mundo e privilegiar a colaboração com todas as instituições que valorizam o conhecimento, a qualidade, a equidade, a solidariedade, a inovação e uma sólida postura ética.

Palavras Chave:

Instituto de Higiene e Medicina Tropical, formação, investigação, ética, cooperação.

Abstract

In the context of the Opening Ceremony of the Academic Year 2015/2016, at the Institute of Hygiene and Tropical Medicine (IHMT), general considerations are made in respect to training, teaching and learning and research. The history of IHMT is addressed in a superficial way. Considerations are made in respect to the North-South inequality and uneven social and economic development of their people with a great disadvantage for the ones at the tropics. In the search of the global agenda of different civil societies, on both sides, the scientific community is probably the structure that better reflects the ideal of such societies. However, the gap between rich and poor countries persists. For this reason it is important to develop collaborative studies and training based on a genuine cooperation. The heroism, audacity and stoicism of the researchers of the tropical countries is highlighted. Therefore, a constant opening to the world and privileged collaboration with all the institutions that value knowledge, quality, equity, solidarity, innovation and a solid ethical behavior must be maintained and developed

Key Words:

Institute of Hygiene and Tropical Medicine, training, research, ethical, cooperation.

Magnífico Reitor da Universidade NOVA de Lisboa – Professor Doutor António Rendas;
Excelentíssimo Senhor Diretor do Instituto de Higiene e Medicina Tropical/UNL – Professor Doutor Paulo Ferrinho;
Excelentíssima Senhora Presidente do Conselho Científico do Instituto de Higiene e Medicina Tropical/UNL – Professora Doutora Lenea Campino;
Excelentíssimo Senhor Presidente do Conselho Pedagógico do Instituto de Higiene e Medicina Tropical/UNL – Professor Doutor Miguel Viveiros;
Excelentíssima Senhora Subdirectora do Instituto de Higiene e Medicina Tropical/UNL – Professora Doutora Zulmira Hartz;
Senhores Representantes dos Alunos do Instituto de Higiene e Medicina Tropical/UNL;
Ilustres Convidados;
Prezados colegas, docentes e investigadores;
Caríssimos estudantes do Instituto de Higiene e Medicina Tropical/UNL;

Minhas Senhoras e meus Senhores.

Quando recebi o convite para tão marcante acontecimento, estremeci incrédulo. Falar para gente douta de doudas coisas era coisa que não estava na minha perspetiva. Só poderia ser um equívoco... Na realidade, se este convite constituiu para mim uma surpresa mas, igualmente, uma honra e um privilégio, por outro lado, alertava-me para a responsabilidade que teria de arcar por aceitar o convite que me estava a ser dirigido. Ainda incrédulo tentei recompor-me. Restabelecido, mas com dúvidas, decidi aceitar o convite, consciente contudo que a minha participação sempre ficará aquém do que gostaria de transmitir. Daqui o ficar, de imediato, sujeito a não atingir os propósitos dos que tão confiantemente me convidaram.

Mas, e antes de mais, consintam-me que, primeiramente, cumprimente de um modo amigo e fraterno o Magnífico Reitor da Universidade NOVA de Lisboa, Professor Doutor António Rendas, ilustre docente, investigador e gestor e também meu dileto amigo, com quem tive a oportunidade de muito aprender. Recordo-me por exemplo, que foi com ele que consolidei a ideia de que havia de se proceder a profundas mudanças no sistema de ensino-aprendizagem, fazendo-o recair no aluno ao invés do que acontecia (ou ainda acontece), que era (ou é) do ensino-aprendizagem centrado no professor.

De seguida, consintam-me igualmente remeter um agradecimento muito especial ao Professor Doutor Paulo Ferrinho, Distinto Diretor do Instituto de Higiene e Medicina Tropical, meu colega e também amigo, pelo convite para dirigir algumas palavras nesta Sessão de "Abertura Solene do Ano Lectivo 2015/2016", permitindo deste modo uma ocasião impar de poder partilhar convosco algumas ideias e sentimentos.

E, finalmente, para todos os restantes presentes uma saudação amiga com um abraço caloroso vindo das quentes zonas tropicais, com uma solicitação antecipada de terem paciência para me escutar.

Minhas Senhoras e meus Senhores,

Hoje, e uma vez mais, nesta augusta sala, se inicia uma sonhada e árdua caminhada para a aquisição de um conjunto de conhecimentos, conhecimentos esses que pretendemos suficientes (e quando é suficiente o conhecimento?...) para que nos aprobelemos de informação e modos racionais que permitam fornecer a nossa contribuição para a solução de problemas de gentes outras que, mesmo distantes e desconhecidas, nos estão intrinsecamente ligadas pela solidariedade e humanidade, pois de Homens se trata. Hoje, e uma vez mais, nesta sala, com as riquíssimas experiências adquiridas, se começam e recomeçam, mais criativamente, mais consolidadamente, mais seguramente, os desígnios do Instituto de Higiene e Medicina Tropical, que remontam aos anos de 1902 com a Escola de Medicina Tropical, cuja finalidade já era proceder à formação médica para, através do estudo clínico e experimental, melhor entender e atuar sobre as doenças tropicais.

A criação do Instituto de Higiene e Medicina Tropical obedeceu, naturalmente, à imperiosa necessidade de enfrentar uma outra realidade menos conhecida ou mesmo desconhecida, como consequência lógica da expansão territorial colonial, principalmente no chamado Ultramar português. Esta expansão, resultando em contatos com Homens de diferentes geografias, ambientes e culturas, exigia naturalmente outros e mais diferenciados conhecimentos. Era imperioso ver mais, aprender mais, saber mais, desses outros lados a que se ia chegando. E, num desses lados ficavam os trópicos. Os Trópicos geográficos, os Trópicos reais, os Trópicos no sentido lato. Era pois imperativo e necessário conhecer-se a realidade, a nova realidade. Dizia Albert Einstein a propósito do conhecimento científico e realidade: "*Toda a nossa ciência, comparada com a realidade, é primitiva e infantil – e, no entanto, é a coisa mais preciosa que temos*". Por esta preciosidade mas, agora, com modernidade, o Instituto de Higiene e Medicina Tropical junta docentes, técnicos e alunos nesta incessante e indispensável aprendizagem para obter resultados de qualidade. Na verdade, só com qualidade se coletarão, no quotidiano, as autênticas, as exatas e as justificadas consequências com vista às justas e oportunas soluções que, portanto, irão trazer comprovados benefícios para o Homem do presente e do futuro. Na realidade, e para quem tem dedicado grande tempo da sua vida ao processo de ensino-aprendizagem, como muitos de nós, já nos apercebemos, numa crescente escalada consciente, de que é sempre muito mais importante o que se aprende do que aquilo que se ensina. E a este propósito gostaria de citar um amigo e um profundo pensador, o Arquitecto José Forjaz, que refere que devemos "*Aprender todos os dias, aprender em todas as ocasiões, aprender sem razão ou motivo oportunístico. Aprender tudo, de todos, sem outra razão que não seja, sempre, a da alegria de aprender. É isso que uma universidade deve ser: uma máquina de ensinar a aprender.*"

Escrevi um dia que: "Um futuro é, normalmente, uma consequência de um sonho. De sonho presente ou de um sonho passado. Mas, normalmente, de um sonho. Na verdade, estes sonhos que se sonham, elegem as forças e as energias que acalentam as esperanças que determinam mudanças e, deste modo, progresso. E, são precisamente essas esperanças que nos fazem voar, no etéreo pensamento, rumo ao futuro. Richard Bach, na sua bela

obra "Fernão Capelo Gaivota", recorda-nos que "*A maior parte das gaivotas não se querem incomodar a aprender mais que os rudimentos do voo, como ir da costa à comida e voltar. Para a maior parte das gaivotas, o que importa não é saber voar, mas comer. Para esta gaivota, no entanto, o importante não era comer, mas voar*". E, à guisa de desfecho, realça: "*Vê mais longe a gaivota que voa mais alto*". Voar, voar mais e mais alto tem sido pois o lema que tenazmente perseguimos. Aconchegados e crentes destes pensamentos, desbravamos dificuldades, e passamos a residir, mesmo que temporária e quixotesicamente, nessa visão sonhada de um futuro que se julga possível". E são estes voos mais altos o apanágio do Instituto de Higiene e Medicina Tropical. E é com este esforço permanente e consequente que, consequentemente, se vem preparando e organizando o Instituto de Higiene e Medicina Tropical. Mas, porque se voa mais alto e, por essa razão se vê mais longe, têm todos, docentes, técnicos e alunos cada vez mais responsabilidades. Por isso, permitam-me citar o grande médico e mestre canadense, William Osler, que afirmava: "*A melhor preparação para o amanhã é fazer o trabalho de hoje soberbamente bem.*" Este é o desafio.

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Os Trópicos, antes, agora e, infelizmente, por muitos mais anos futuros, foram, são e serão uma zona desprivilegiada no que tangue ao desenvolvimento socioeconómico equitativo das suas populações. Na verdade, aí se verificam os desequilíbrios macros entre Homem e Ambiente e, para particularizarmos, também entre saúde-doença. Aí se verifica que os Determinantes Sociais da Saúde actuam muito mais no sentido negativo que positivo e, impiedosamente, causam a iniquidade gravosa das situações que diariamente observamos de pobreza com o seu arrastado cortejo de iliteracia, fome, miséria, discriminação, estigma, dependência, inexistência ou enfraquecimento de autonomia, carência ou fraqueza de responsabilidades, atropelos à dignidade.

Repito. Infelizmente, os Trópicos, são ainda uma zona da humanidade muito sofrida mas uma zona que começa agora, esperançosamente, aguardando o proclamado bom relacionamento entre Homens que pretendem agora ser "mais iguais" ou, dito de outra forma, do invocado melhor relacionamento Norte-Sul.

Nos finais do século XIX e princípios do XX, as grandes migrações da Europa transferiam não somente pessoas mas ideias. A globalização inicia os seus primeiros passos. Os meios de comunicação social (livros, jornais, revistas, televisão, rádio, telefones, internet) e a recente explosão destas, assim como a sua distribuição por todos os continentes fazem envolver aproximadamente a totalidade da população mundial, podendo esta, hoje, dela usufruir quase instantaneamente. Contudo, a formação das pretendidas agendas globais, que se esperam, é ainda muito influenciada pelo modelo da relação Norte-Sul.

Nesta busca de agendas globais das diversas sociedades civis, em ambos os lados, a comunidade científica é presumivelmente a estrutura que mais traduz o ideal destas sociedades globais por utilizarem uma comunicação mais objectiva e mais autónoma. Todavia, a diferença de países mais ricos e mais pobres, persiste. Mas, se as agendas nacionais devem ter em conta as apostas da globali-

zação económica e cultural, a globalização não poderá substituir a enunciação de desígnios nacionais.

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Como tantos outros, formei-me com a vida, procurando sorver dos meus mestres (professores, líderes, gentes de saber) o conhecimento e as experiências que servissem, mesmo que modestamente, para dar uma contribuição à dignidade do ser humano.

Tem sido hábito meu declarar que, sendo eu um médico mais dedicado à problemática da saúde coletiva do que propriamente à doença do indivíduo, sou um "especialista de generalidades". Mas, se este facto me concede uma visão horizontal mais global e abrangente, por outro lado retira-me a profundidade vertical que nos ajuda a mergulhar na verdadeira especificidade dos fenómenos que pretendemos perscrutar e melhor compreender.

Também incansavelmente tenho acreditado, sem perder de vista o individual, que a ação coletiva é sempre mais abrangente, mais robusta, mais produtiva e, um dia, mais consolidada. Por isso acredito que, como afirmou William Orler, o apelidado "pai da medicina moderna": "*Em ciência, o crédito vai para o homem que convence o mundo de uma ideia, não para aquele que a teve primeiro*".

Quando, por vicissitudes da vida, me foi dada a responsabilidade de, em 1983, criar e dirigir o Instituto Nacional de Saúde em Moçambique, de entre vários contatos e solicitações, tive o privilégio de ser indiretamente abordado pelo eminente e saudoso homem de ciência e saber, que foi o Professor Francisco José Cambournac. Deixem-me então contar este episódio, não muito feliz, que se passou com o Professor Cambournac, Diretor que também foi desta magna casa, o IHMT. Eu, inexperiente, jovem, ingénuo, desconhecedor das complexas redes sociais e científicas de então, na altura inebriado e orgulhoso pela nossa Independência Nacional, em 1975, recebo por volta do ano de 1984, já em plenas funções como Diretor do Instituto Nacional de Saúde em Moçambique, uma proposta do Professor Cambournac. Disponibilizava ele o Instituto de Higiene e Medicina Tropical convidando uma equipa de moçambicanos para se deslocarem a Lisboa para formação. Respondi: "Professor, mas nós é que temos os Trópicos. Aguardamos pois a vossa chegada e experiência da qual, aliás carecemos". Indispôs-se o Professor e ficaram muito tensas as nossas relações. Mais tarde, em Fevereiro de 1989, tive o grato ensejo de o poder conhecer pessoalmente e com ele lidar de mais perto. Então, de viva voz, tive a grande oportunidade de ter uma conversa sobre a minha contraposta de então sobre os Trópicos. Até hoje não sei dizer se fui eu que me expliquei bem, se o Professor que o entendeu diferentemente. Ficamos verdadeiramente amigos. Aí assegurei-me da grandeza do Professor, como homem extraordinário de ciência, de gestão, de vida, de exemplo.

A ciência arma-nos com materiais, instrumentos e argamassas que nos permitem contribuir para edificar uma vida mais sã, mais equitativa, mais justa, mais digna. O extraordinário matemático, físico e filósofo da ciência do fim do século XIX, princípio do século XX, Poincaré alertava: "*Assim como as casas são feitas de pedras, a ciência é feita de factos. Mas uma pilha de pedras não é uma casa e uma coleção de factos não é, necessariamente, ciência*".

Voltemos aos Trópicos. Os Homens precisam dos Trópicos e vão para os Trópicos. Os Homens têm Trópicos. A ciência não tem Trópicos, não tem Norte, não tem Sul. A ciência tem, sim, o Homem que, partindo de si próprio, da sua sabedoria, das suas dúvidas constantes precisa, também para seu benefício individual e coletivo, de envolver todos os outros Homens. Sem exceção! Kant dizia que "*Ciência é conhecimento organizado. Sabedoria é vida organizada.*" Mais tarde e com a mesma oportunidade refere Isaac Asimov: "*O aspeto mais triste da vida de hoje é que a ciência ganha em conhecimento mais rapidamente que a sociedade em sabedoria.*"

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

É do conhecimento geral que o progresso resulta, fundamentalmente, da observação, das consequentes dúvidas que este mesmo processo desencadeia e da investigação que o ser humano realiza a cada momento, para as aclarar. Por isso, quanto mais se progride, mais terá de ser, a investigação que se efetiva. É assim que a investigação assume, porque necessário, algo de heroicidade, de audácia e de estoicidade nos nossos países dos Trópicos. Focalizando esta atividade na saúde e na medicina podemos medir o esforço feito por aqueles que, a elas ligados, encontram num tempo quase inexistente a energia para contribuir para o progresso da ciência, investigando. Somos poucos. Somos realmente muito poucos. Na verdade, os que se dedicam a esta profissão de ligação à saúde e à doença e têm, momento a momento, que lutar pela valorização da vida, prolongando-a ou minimizando o sofrimento, promovendo ou repondo a saúde, prevenindo ou combatendo a doença, conseguem encontrar essa adicional energia, essa adicional entrega para, num tempo já fugido, se dedicarem também à melhoria do conhecimento coletivo, investigando.

O Instituto de Higiene e Medicina Tropical, vivendo também tempos semelhantes, com escassez de quadros, mas entendendo sempre a sua missão soube organizar-se para as duas principais áreas que constituíam a sua razão de ser: a formação e a investigação. E é assim que, paralelamente a uma plêiade de grandes figuras da investigação das doenças ditas tropical o Instituto de Higiene e Medicina Tropical forma, dando conhecimentos específicos na área respetiva, os médicos que da Metrópole tivessem que partir para as colónias portuguesas.

A inestimável contribuição dada durante este último século pelo Instituto de Higiene e Medicina Tropical na formação e investigação, com os padrões internacionais mais elevados, ajudaram particularmente países tropicais da América do Sul, de África e do Oriente, falantes de português e, não só: ajudaram o mundo no seu crescimento científico global. Por estas outras razões, devemos pretender manter e desenvolver a nossa abertura com o mundo e privilegiar a colaboração com todas as instituições que, aprendendo, fazem e fazendo, aprendem a valorizar o conhecimento, a qualidade, a equidade, a solidariedade, a inovação.

Mas, instituições que constroem saber e o distribuem através de uma pensada e bem preparada acção de formação, como o Instituto de Higiene e Medicina Tropical têm que valorizar uma sólida postura ética, como aliás sempre o fez. Esta postura ética alicerçada num constante pensamento crítico e reflexivo deve encontrar

espaços e tempos para considerar e rever conceitos e experiências, compartilhar ideias, levantar polémicas, contribuir para o pensar coletivo. Por isso, ao profissional atual é exigido não somente um profundo conhecimento científico como, e igualmente, um profundo saber da ciência ética, seja nos seus princípios gerais, seja nas suas aplicações específicas. E, tudo isto envolto na priorização de levar as profissões a ter sempre, em tudo, o sentido pleno da sua humanização. Então, juntos, possuamos tempo e coragem para podermos ainda ser aqueles que terão a honra e o privilégio de poder participar no desenvolvimento de ações de qualidade para melhor formar e estarmos melhor preparados para investigar. Ganhará o Homem, ganharemos todos. Ganha o presente, ganha o futuro.

Por isso, e antes de terminar gostaria de saudar todos aqueles que a partir de hoje se dispuseram a adquirir mais conhecimento e, por essa razão, se acercaram do Instituto de Higiene e Medicina Tropical para serem formados, e manifestar o meu desejo de que, com a troca de experiências possam catalisar motivações que continuem a enaltecer esta instituição e a vós mesmos, para que haja um crescimento sempre crescente e salutar, na senda de uma inter-ajuda oportuna e pertinente - em ambos os sentidos - para a valorização do Homem e dignidade das vossas profissões. A vós, estudantes, ser-vos-á exigido, e exigirão também de vós próprios, tenho a certeza, vontade de aprender, curiosidade científica, entrega total, altruísmo, abertura de espírito, criatividade, tenacidade e muito, muito trabalho. Porque só assim se constituem os ganhadores de hoje, os ganhadores do amanhã.

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

O Instituto de Higiene e Medicina Tropical, formando e investigando, investigando e formando, hoje, o faz em conjugação de esforços com equipas de cientistas das zonas tropicais. Em causa está o Homem, em causa está o conhecimento para o servir. Deste modo e apenas para falar de Moçambique devo referir que estão em curso estudos e formações multidisciplinares e colaborativos que, identificados numa verdadeira cooperação, serão úteis para o desbravar do desconhecido e avançar para as soluções que importam às suas gentes, às nossas gentes.

Hoje, aos Cambournac's de hoje, a Vossas Excelências aqui presentes devo afirmar que, perante o mesmo convite por mim recebido nos anos da década de 80, responder-vos-ia: "Obrigado pela vossa disponibilidade e interesse. Obrigado também por nos terem sempre recebido e ajudado com alto denodo científico. Aceitamos pois o convite. Mas, como viventes dos Trópicos convidamos também para se deslocarem para lá. Receber-vos-emos de braços abertos como vós sempre nos receberam".

É que assim, mais juntos ainda, avançaremos mais rápidos, mais profundamente, mais verdadeiramente. Os Trópicos ficarão unicamente uma distância, apenas uma diferença geográfica, pois aí os homens são iguais. Neste desafio do presente teremos uma certeza: ganhará a humanidade do futuro.

Muito obrigado.

(Maputo, 14 de Setembro de 2015)